

prelúdio de uma nova guerra mundial

Década de 1930 - um laboratório de idéias - China, Abissínia e Espanha

A Primeira Guerra Mundial terminou em 1918 com um saldo devastador em vidas humanas ceifadas: mais de 8 milhões de soldados e 6,5 milhões de civis. Também houve uma importante mudança política no mundo. Três impérios foram dissolvidos (o alemão, o austro-húngaro e o otomano) e ocorreu uma grande transformação no império russo.

O choque de interesses imperialistas das nações européias, associado ao emergente espírito nacionalista, foi o principal motivo do conflito. De um lado estavam o império austro-húngaro, a Alemanha e, posteriormente, a Itália, formando a Tríplice Aliança. Do outro lado, a França liderava a Tríplice Entente com o apoio da Inglaterra e da Rússia. No final do conflito, a Entente ganhou o apoio dos Estados Unidos, fator que foi fundamental para a vitória.

Terminada a guerra, algumas nações, com o Japão e a Itália (que perdeu a guerra), continuaram o processo

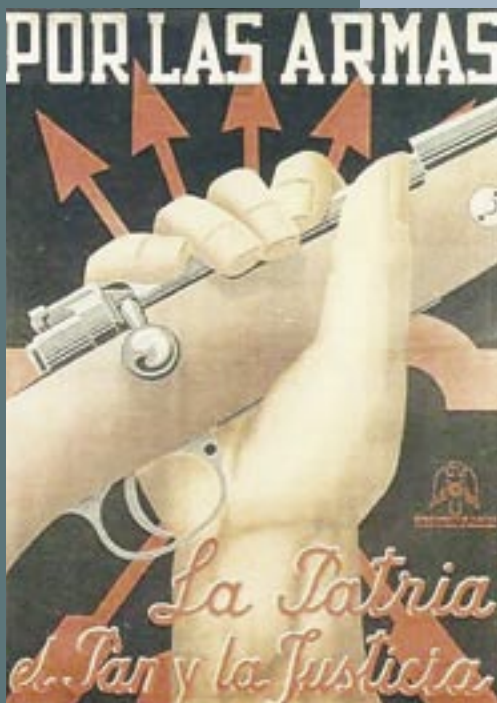
de expansão de seus domínios, conquistando áreas na Ásia e na África por meio de conflitos violentos e massacres constantes. Outros países, tais como França e Inglaterra, mantiveram e expandiram seus impérios ocupando possessões que outrora pertenceram aos derrotados no conflito mundial, tendo em vista que, por meio de tratados, entregaram aos vitoriosos diversas de suas ex-colônias. Já os Estados Unidos se isolaram, vivendo graves problemas internos após a crise de 1929.

Para fortalecer seus avanços e ações, muitos países utilizaram a propaganda. Além de divulgar e justificar seus atos e posicionamentos, as nações usavam a propaganda como forma de preparar e fortalecer suas populações para os grandes sacrifícios que seriam necessários nos anos vindouros.

A partir de 1931, o Japão invadiu a Manchúria, que pertencia à China, e lá criou um novo país. Era um Estado

fantoches denominado Mandchukuo, mostrado pela propaganda japonesa como um grande aliado, com bandeira própria e um imperador. A lógica japonesa era clara: por possuir poucos recursos naturais para abastecer a indústria e terras impróprias para produzir alimentos em quantidade, o Japão julgou necessário ocupar territórios para emigração, extração de matérias-primas e, ainda, para encontrar um mercado consumidor para seus produtos manufaturados. Desta forma, criou condições políticas e econômicas que visavam o bem estar da população japonesa que não parava de crescer – saltou de 55 milhões de habitantes em 1920 para 71 milhões menos de 20 anos depois. Por outro lado, o avanço japonês representou muitos sacrifícios para os povos dominados e causou reações adversas em outros países.

“O avanço dos japoneses na Manchúria levou, por conseguinte, ao isolamento do Japão face à hostilidade



Cartaz nacionalista espanhol: Pelas armas, a pátria, o pão e a justiça.



Cartaz republicano do Partido Comunista Espanhol: Para asfíxar o fascismo, ingresse na aviação.



Cartaz republicano do Partido Comunista Espanhol: O comissário, nervo do nosso exército popular.

da Inglaterra e dos Estados Unidos e a um nacionalismo chinês cada vez maior. Em consequência, a xenofobia japonesa tornou-se mais forte e as velhas queixas nacionalistas – as restrições americanas e australianas à imigração japonesa e as condições dos tratados de Londres e de Washington sobre o desarmamento naval, que haviam sido acordados por governos japoneses de tendências internacionalistas – agravaram-se. Esta transformação das diretivas econômicas e políticas foi levada a cabo, e a predominância das forças armadas garantida, sem uma mudança de regime e sem uma tomada do poder por um golpe de estado militar.”¹

Desta forma, o Japão, mesmo mantendo um regime monárquico, ficou nas mãos dos militares do Exército e da Marinha, que tomaram para si a tarefa de atuar como “libertadores dos povos orientais”. A estratégia visava transformar o Japão numa potência hegemônica no continente asiático. Por isso, a propaganda foi fortemente usada como uma importante ferramenta para disseminar a ótica japonesa, vendendo a idéia de uma esfera de co-prosperidade asiática.

Por outro lado, na Europa, diversos países passaram a ter governantes nacionalistas e regimes autoritários. Foi o caso da Itália que, de maneira similar ao Japão, mantinha um rei. Os italianos tinham um único partido que havia chegado ao poder em 1922, sob o comando de Benito Mussolini. Este partido utilizava-se da propaganda para justificar as ações que visavam reaver territórios

que outrora haviam pertencido ao Império Romano, do qual os italianos se julgavam herdeiros diretos. O primeiro grande passo foi dado no sentido de expandir as colônias que a Itália já possuía na África. Então, em 1935, a Itália invadiu a Abissínia, atual Etiópia, como forma de ampliar a África Oriental Italiana.

A guerra foi cruel e desigual, em função dos contrastes entre as forças combatentes. De um lado estava o moderno e motorizado exército italiano. Já a outra parte era formada por tribos africanas descalças, sem equipamentos, que despertavam a simpatia de países ocidentais, tais como a Inglaterra e os Estados Unidos, que viam ali uma guerra “romântica”. O resultado foi óbvio, com a vitória italiana. Todo o aparato estatal, em termos de propaganda, voltou-se para a grande conquista, mostrando os combatentes italianos como libertadores capazes de levar a modernidade a terras distantes.

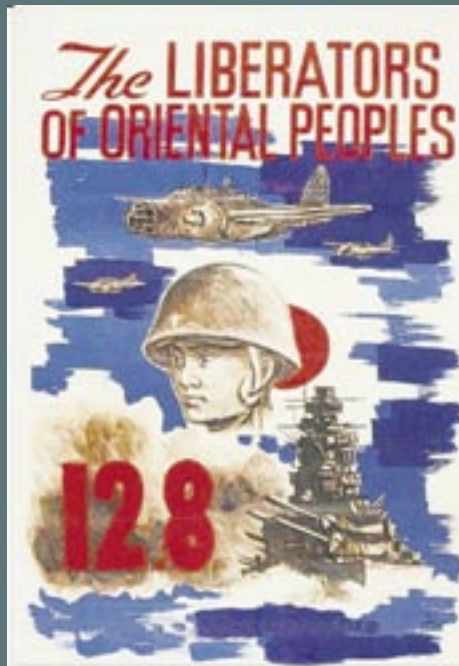
A censura foi o ponto forte de toda a guerra. “Os resultados da atitude oficial italiana foram de longo alcance. O bloqueio às notícias, por parte do exército italiano, coincidiu com a onda de matérias inventadas, procedentes de Adis Abeba, capital da Abissínia. Como uma matéria inventada, desembaraçada dos fatos, é leitura mais excitante do que um relato fortemente censurado de um combate menor, os jornais corriam atrás das matérias de Adis Abeba, e isso criou uma falsa impressão sobre o que estava acontecendo na Abissínia.”²

¹ In História da Segunda Guerra Mundial, R.A.C. Parker, edições 70, Lisboa 1989, pág. 73.

² In A Primeira Vítima, Phillip Knightley, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1978, pág. 227.



Cartaz republicano espanhol: Todas as milícias reunidas formam um exército popular.



Cartaz japonês consolidando o avanço dos japoneses sobre a Ásia, nos anos 1930.



O clássico cartaz derivado da primeira guerra mundial, usado pelos republicanos espanhóis.

Tanto os italianos como os próprios etíopes usaram de muita censura no conflito, mas, em termos de propaganda, a Itália saiu-se melhor e ficou estimulada a perseguir seu sonho de manter um império.

Já a Guerra Civil Espanhola, ocorrida entre 1936 e 1939, pode ser considerada como um laboratório de idéias, em termos de propaganda, servindo de base para a divulgação massiva das propostas que viriam a justificar, perante a população, o conflito que seria chamado de Segunda Guerra Mundial, entre 1939 e 1945.

O fenômeno da propaganda está indissolvelmente vinculado à história da guerra. Se a propaganda foi arma fundamental na Guerra Civil Espanhola, dado o caráter ideológico do conflito, serviu também para congregiar e revelar praticamente todas as formas de pensamento de países como a Alemanha nacional socialista e a Itália fascista, de um lado, e Rússia, Estados Unidos, Inglaterra e França, de outro.

Todos os conceitos básicos da propaganda se concentraram em ambos os lados da Guerra Civil Espanhola, tendo sido largamente empregados, tanto pelos nacionalistas quanto pelos republicanos. “Nenhuma outra guerra, em época recente, com a possível exceção do Vietnã, provocou emoção tão intensa, um compromisso tão profundo e um partidarismo a tal ponto violento, como a Guerra Civil Espanhola. De um lado, alinhavam-se os representantes da velha ordem: banqueiros, proprietários de terras, o clero e o exército. Contra estes, situavam-se os camponeses, os operários, a nata dos escritores e poetas espanhóis, e um governo eleito democraticamente. Ambos os lados encaravam a guerra como uma cruzada. A velha ordem, representada pelos nacionalistas, lutava para expurgar os ‘vermelhos’ do seu país e fazer ressurgir o ideal de uma Espanha pura e cristã. Já os republicanos lutavam por uma nova ordem, a Nova Jerusalém, ou, no caso dos comunistas,

por uma utopia marxista. A maioria encarava o conflito como algo muito além de uma confrontação civil. ‘Essa experiência foi uma guerra de classes’, escreveu George Orwell. ‘Se fosse ganha a causa das pessoas comuns, em toda parte, sairia fortalecida. Foi perdida, e os beneficiários de dividendos, em todas as partes do mundo, esfregaram as mãos’. A intervenção de Hitler e Mussolini, ao lado da velha ordem, e da Rússia, ao lado da República, parecia confirmar esse ponto de vista. Tornou-se um momento apocalíptico na história, um ponto no tempo em que se faziam escolhas e se tomavam decisões.”³

Na verdade, a Guerra Civil Espanhola foi um grande laboratório de idéias e de uso de tecnologia. Tudo o que depois viria a ser empregado em larga escala na Segunda Guerra Mundial, fora testado ali antes. Voluntários de todas as partes do mundo se concentraram ao lado dos republicanos e se dispunham a morrer pela república espanhola.



Cartaz republicano espanhol contra a Itália facista, representada pela imagem da bota.



Cartaz republicano espanhol contra a Itália e a Alemanha, representadas por duas bombas.



Cartaz nacionalista espanhol: Espanha Renasce.

Foi uma guerra extremamente cruel e sangüinária. No campo da propaganda, o conflito funcionou como o elo de ligação entre tudo que fora aprendido durante a Primeira Guerra Mundial e aquilo que seria visto durante a Segunda Guerra. De um lado, os nacionalistas se inspiraram nos lemas do nazismo e do fascismo. De outro, os republicanos criaram uma grande gama de cartazes de propaganda, dos mais variados tipos. A maior parte do parque gráfico espanhol se encontrava nas mãos dos republicanos que, desta forma, puderam ousar e diversificar usando muito da propaganda russa e também de países ocidentais como Inglaterra, França e Estados Unidos.

Uma interpretação rápida sobre a Guerra Civil Espanhola pode ser assim descrita: "Quando esta chegou, espanhóis combateram espanhóis, não tanto por dinheiro ou por terras, mas por ideais, que iam da utopia anarquista ou socialista até à monarquia católica, que evocava os dias gloriosos da Espanha imperial. No entanto,

os 600 mil homens e mulheres que morreram na guerra não conseguiram impor os seus ideais. Sucedeu que países estrangeiros, ao enviarem homens, dinheiro e armamento, ajudaram à subida de Franco ao poder, que viria a exercê-lo por quase 40 anos."⁴

Na verdade, o que ocorreu nas áreas de propaganda e tecnologia, nesses três conflitos – na China, Abissínia e Espanha -, somado ao que já estava sendo desenvolvido na Alemanha nazista, foi um prelúdio trágico do que seria a Segunda Guerra Mundial, numa escala gigantesca como o mundo jamais havia visto e onde a propaganda, para fins bélicos, viria a atingir a sua maioridade, fazendo parte do cotidiano de muitas nações e deixando reflexos no mundo todo.

Expedito Carlos Stephani Bastos

é pesquisador de Assuntos Militares da Universidade Federal de Juiz de Fora. Contatos pelo e-mail expedito@editora.ufjf.br



Cartaz italiano da petrolífera AGIP



Cartaz italiano da empresa Caproni

⁴ In "Os Grandes Acontecimentos do século XX", edição Seleção do Reader's Digest, Lisboa, 1979, pág.252/253.